

**A escola e a formação das novas gerações: entre a instrumentalização e os novos inícios**

**School and the formation of new generations: between instrumentalization and new beginnings**

**La escuela y la formación de las nuevas generaciones: entre la instrumentalización y los nuevos comienzos**

DOI: 10.54901/educa.v9-433

Márcia Muricí Redivo Barbosa<sup>1</sup>

Marcela Muricí Redivo<sup>2</sup>

Prof. D. Jair Miranda de Paiva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão sobre o papel da escola, problematizando sua função diante das transformações sociais, políticas e culturais que atravessam o cenário educacional. Fundamentado, principalmente, nas contribuições de Jan Masschelein e Maarten Simons, na obra *Em defesa da escola*, o texto defende a escola como um espaço singular de formação humana, caracterizado pelo *skholé*, entendido como um tempo livre destinado ao estudo, à reflexão e à apropriação do conhecimento como bem comum. Em contraposição às perspectivas utilitaristas e mercadológicas da educação, argumenta-se que a escola deve preservar sua função de apresentar o mundo às novas gerações, liberdade de pensamento e formação integral dos estudantes. O estudo dialoga ainda com autores como Paulo Freire, Rubem Alves, Gert Biesta, Hanna Arendt, Inés Dussel, Zygmunt Bauman e José Carlos Libâneo, evidenciando que a educação não pode restringir-se ao desenvolvimento de competências voltadas ao mercado de trabalho, mas deve favorecer a constituição de sujeitos autônomos e capazes de compreender e transformar a realidade. Também são discutidos os processos de instrumentalização e "domesticação" da escola por interesses políticos e econômicos, que ameaçam sua identidade e seu compromisso com a formação humana. Conclui-se que, apesar dos desafios impostos à instituição escolar, sua permanência como espaço de estudo, diálogo, pensamento e produção cultural é indispensável para garantir às crianças, adolescentes e jovens o acesso ao conhecimento, à participação no mundo comum e à construção de novos começos. Dessa forma, reafirma-se a necessidade de fortalecer a escola como lugar de formação, emancipação e renovação da sociedade.

**Palavras-chave:** formação humana; educação; *skholé*; escola.

<sup>1</sup> Mestre em Ensino da Educação Básica, Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES/UFES), São Mateus, Espírito Santo, Brasil. E-mail: redivomurici@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Ensino da Educação Básica, Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES/UFES), São Mateus, Espírito Santo, Brasil. E-mail: mmarredivo@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação, Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES/UFES), São Mateus, Espírito Santo, Brasil. E-mail: jair.paiva@ufes.br

## 1 INTRODUÇÃO

Neste momento, queremos provocar os leitores a refletirem sobre o papel da escola atual, questionando se realmente a ela atende às necessidades dos estudantes. Vamos utilizar uma lente para aumentar o nosso foco no papel da escola na sociedade contemporânea<sup>4</sup>.

Para isso, vamos dialogar com Jan Masschelein e Maarten Simons (2022), que, em seu livro *Defesa da Escola* nos acendem perguntando: o que é a escola? E, ao mesmo tempo, ao nos fazerem essa pergunta, nos respondem que a escola é mais do que um

lugar de ensino: é um local de formação integral do estudante e um espaço de formação de cidadãos.

Voltando nosso olhar para entendimento dos autores sobre a escola:

A escola, por outro lado, surge como a materialização e espacialização concreta do tempo que, literalmente, separa ou retira os alunos de fora da (desigual) ordem social e econômica (a ordem da família, mas também a ordem da sociedade como um todo) e para dentro do luxo de um tempo igualitário (Masschelein, Simons, 2022, p. 29).

Eles representam a escola como um local de “tempo livre” que, na Grécia Antiga chamado de “skholé” (Masschelein; Simons, 2022, p. 09): um espaço e momento em que os aprendizes, estudantes ou alunos tinham para se afastar do mundo exterior e mergulhar no conhecimento que ele tinha para oferecer. Esse conceito parece contraditório, pois, ao mesmo tempo que os estudantes vão para a escola para se beneficiar do “tempo livre” (Masschelein; Simons, 2022, p. 09), sem as influências externas, como julgamentos e estereótipos das famílias e da comunidade, eles são inserido no “skholé” (Masschelein; Simons, 2022, p. 09), para aprender o conhecimento que a sociedade produziu ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, vivenciar um momento de construção de relações pessoais e sociais que ele irá carregar para toda vida. A proposta é que os alunos tenham um tempo livre para se apropriar dos conhecimentos em condições igualitárias, no qual possam escolher, participar, pensar, estudar e aprender sem a influência externa, que poderia atrapalhar a fluidez do processo de conhecimento. O modelo grego de escola que deu origem a esse tempo escolar:

[...] permite que os jovens se desconectem do tempo ocupado da família ou da *oikes* (a *oiko*-nomia) e da cidade/estado ou *polis* (polí-tica). A escola oferece o formato o (ou seja, a posição particular de tempo, espaço e matéria, que compõe o escolar) para

---

<sup>4</sup> Este artigo é parte da dissertação de Mestrado defendido no Curso de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica do CEUNES/UFES, cujo título: Projeto de Vida no Ensino Médio: entre orientação dos estudantes e/ou educação instrumentalizadora – percepções em uma escola pública estadual de São Mateus/ES.

o tempo-feito livre, e aqueles que nele habitam literalmente transcendem a ordem social (econômica e política) e suas posições (desiguais) associadas (Masschelein; Simons, 2022, p. 29).

Vamos dar atenção a esta passagem de Masschelein e Simons (2022, p. 15): “[...] desde a sua criação nas cidades-estados gregas, o tempo escolar tem sido o tempo em que o ‘capital’ (conhecimento, habilidades, cultura) é expropriado, liberado como um ‘bem comum’ para o uso público, existindo, portanto, independente de talento, habilidade ou renda”. A escola, então, é um espaço democrático no qual todos os alunos possuem capacidade de aprender e de se apropriar dos conhecimentos que lá são oferecidos, numa igualdade de condições, porque eles são retirados da sua “posição social” (Masschelein; Simons, 2022, p. 29). Nesse espaço, o estudante pode estabelecer contato com conhecimentos que lhe oportunizam descortinar o mundo numa perspectiva coletiva e dinâmica, própria das relações estabelecidas nesse espaço de conhecimento.

## **2 A ESCOLA COMO TEMPO DE FORMAÇÃO: O *SKHOLÉ* E A EXPERIÊNCIA DOS NOVOS COMEÇOS**

O que estamos presenciando em relação à escola é o seu uso como instrumento para atender a desejos políticos e financeiros. Por isso, ocorrem ataques à função da escola, criticando-a como alienante, espaço de poder e corrupção, desmotivadora, sem eficácia e sem empregabilidade. Esse processo visa abrir caminho para adentrar o espaço escolar e utilizá-lo em benefício de interesses relacionados à democratização e à equidade. Quanto pior a escola, melhor para quem quer manter o poder, porque todos sabemos que conhecimento é poder. Contudo, para Masschelein e Simons (2022), a escola não é só espaço de construção de conhecimento, mas também de envolvimento em práticas culturais que contribuem para a formação da identidade individual e coletiva. A escola “infunde na nova geração uma atenção para o mundo: as coisas começam a falar (conosco). A escola torna o indivíduo atento e garante que as coisas - destacadas de usos privados e posições - tornem-se reais” (Masschelein; Simons, 2022, p. 51).

Por isso, a escola precisa ser um momento de “suspensão” (Masschelein; Simons, 2022, p. 30) do vínculo externo, para que o estudante construa seu próprio conhecimento, livre de pesos externos. Masschelein e Simons (2022, p. 14), enunciam que: “[...] a escola deve suspender ou dissociar certos laços com a família dos alunos e o ambiente social, por um lado, e com a sociedade, por outro, a fim de apresentar o mundo aos alunos de uma maneira

interessante e envolvente”. Quando tratamos da “suspensão” (Masschelein; Simons, 2022, p. 30), queremos estabelecer que é o ato de “tornar algo inoperante, ou, em outras palavras, tirá-lo da produção, libertando-o de seu contexto normal. É um ato de desprivatização, isto é, desapropriação” (Masschelein; Simons, 2022, p. 33). O tempo escolar não deve ser um tempo de produção mercadológica, mas de “tempo livre” (Masschelein; Simons, 2022, p. 09), para se pensar e se apropriar das coisas do mundo.

Esses autores acreditam que, quando o aluno está na escola, vive um momento de suspensão, no qual ele aprende a criar o seu próprio julgamento e, naquele momento, a sua influência provém do conhecimento que o professor irá lhe apresentar. Os autores criticam que a escola sirva de mecanismo de instrumentalização com fins de mercantilização da vida dos estudantes. Para eles, a escola deve ser um espaço de construção, reflexão e, podemos dizer, de emancipação, mesmo sabendo que muitos criticam esse termo, por acreditarem que ninguém emancipa ninguém. Podemos, no entanto, afirmar que o “skholé” (Masschelein; Simons, 2022, p. 09), proporciona essa emancipação, à medida que leva o aluno a compreensão de si e do outro. A escola não pode ser um centro de produção humana, mas é a “[...] responsabilidade-mesmo amor-pela geração de jovens como uma nova geração” (Masschelein; Simons, 2022, p. 19).

Da mesma forma, não podemos confundir de que a escola deva ser somente um tempo de prazer, pois envolve também responsabilidade por parte do aluno. A escola não é entretenimento; é um local de transformação e mudanças, pois, como diz Rubem Alves (2023, p. 38), “a educação acontece enquanto as pessoas vão mudando, para não deixarem de mudar. Se as pessoas estivessem prontas, não haveria lugar para a educação. O educador ajuda os outros a irem mudando no tempo”. Isso traz a responsabilidade do professor em “partilhar o mundo com os jovens”.

Nesse sentido, Masschelein e Simons (2022) propõem que a escola seja um espaço de liberdade de pensamento, de escolhas e de reflexão. Sim, vamos usar muitas vezes esse termo “reflexão”, pois com essa proposta de cultivar no estudante o pensamento curioso e crítico, chegará o momento em que ele se tornará uma pessoa reflexiva, capaz de construir suas próprias respostas e fazer escolhas. Eles sinalizam que o tempo escolar precisa ser um momento de libertação. Queremos incluir esse termo considerando os ensinamentos de Paulo Freire (2023) sobre a educação libertária, porque a educação não pode ser alienante e se fechar para as necessidades da juventude.

Quando dizemos que a escola tem que ser escola, estamos falando em colocar o estudante numa suspensão do tempo produtivo para fins econômicos e políticos, transformando

esse tempo escolar no “tempo livre” (Masschelein; Simons, 2022, p. 09), visando libertar os alunos, isto é:

[...] para permitir aos alunos se separarem do passado (que os oprime e os define em termos de [falta de] habilidade/talentos) e do futuro (que é, ao mesmo tempo, inexistente ou predestinado) e, portanto, se dissociarem temporariamente de seus “efeitos”. A escola e o professor permitem que os jovens reflitam sobre si mesmos, separados do contexto (antecedentes, inteligência, talentos, etc.) que os conecta a um determinado lugar (um caminho de aprendizagem especial, uma aula para os alunos de reforço, etc.) Pennac expressa isso dizendo que o professor deve garantir que “um alarme dispare” cada lição. Esse alarme deve ser bem-sucedido em fazer com que os alunos saiam do que ele chama de “pensamento ilusório”, isto é, o pensamento que “os aprisiona em contos de fadas” e planta ideias de incompetência nas suas “mentes”: “não posso fazer nada”, “tudo vai dar em nada” “por que tentar?”. Esse alarme também dissipa contos de fadas inversos: “tenho que fazer isso”, “é assim que isso deve ser”, “esse é o meu talento”, “isso é adequado para mim” [...] (Masschelein; Simons, 2022, p. 34).

Isso nos faz lembrar novamente de Rubem Alves (2023, p. 39), que afirma que a escola “[...] é um caldeirão de bruxas [em] que o educador vai mexendo para ‘desigualizar’ as pessoas e fazer outros mundos nascerem [...]”. Essa transformação, que acontece no eu do sujeito, e vai tomando forma, é o que Masschelein e Simons (2022) chamam de formação. “Esse novo ‘eu’ é, antes e acima de tudo, um eu da experiência, da atenção e da exposição a alguma coisa” (Masschelein; Simons, 2022, p. 48). A formação está relacionada à orientação dos estudantes para as coisas do mundo e para a existência do sujeito com esse mundo e com ele mesmo. “A formação envolve, assim, sair constantemente de si mesmo ou transcender a si mesmo, ir além do seu próprio mundo da vida por meio da prática e do estudo” (Masschelein; Simons, 2022, p. 49).

Na escola pode-se suspender o peso das regras, dos preconceitos, dos julgamentos pré-estabelecidos, dos estereótipos, dos rótulos, criando um “tempo e espaço onde os alunos podem deixar pra lá todos os tipos de regras e expectativas sociológicas, econômicas e relacionadas à cultura” (Masschelein; Simons, 2022, p. 35). Dar espaço para à “profanação” (Masschelein; Simons, 2022, p. 73), não no sentido religioso, mas no sentido de que o “tempo livre” escolar (Masschelein; Simons, 2022, p. 09) será “[...] algo no mundo que é, ao mesmo tempo, acessível a todos e sujeito à (re) apropriação de significados”. Assim, a escola se torna “como presente e meio termo, um lugar e um tempo para possibilidades e liberdade” (Masschelein; Simons, 2022, p. 39).

Não se trata de dizer que a escola vai estar fora do mundo, mas sim que ela é o espaço em que esse mundo será apresentado para o estudante de forma que ele se sirva dos conhecimentos para romper barreiras e não para ser um mero consumidor de habilidades que

estão comumente tomando conta dos conhecimentos escolares. A escola representa mais do que dar prática e utilidade às competências; ela revela o mundo por meio da “atenção” e do “interesse” (Masschelein; Simons, 2022, p. 43). Como afirmam Masschelein e Simons (2022, p. 45), “a escola não está separada da sociedade, mas é única, visto que é local, por excelência, de suspensão escolástica e profanação pela qual o mundo é aberto”.

Neste momento, propomos refletir sobre o pensamento de Hannah Arendt a respeito dos **novos inícios** e da função da escola como espaço de apresentação do mundo às novas gerações. Para a autora, educar significa introduzir crianças e jovens em um mundo que já existia antes deles, permitindo-lhes apropriar-se do patrimônio cultural, histórico e científico construído pela humanidade. Entretanto, esse processo não se limita à transmissão de conhecimentos, pois, ao mesmo tempo em que se apropriam desse legado, os estudantes também atribuem novos significados às experiências vividas e inauguram outras formas de compreender e transformar a realidade. Nessa perspectiva, a escola assume um papel fundamental, pois possibilita que cada nova geração participe da renovação do mundo por meio de sua capacidade de agir, pensar e iniciar algo novo. Como afirma Arendt (2007, p. 234), “A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos.”

Os autores afirmam o caráter singular da escola e apontam, por intermédio do estudo de Rancière, a condição de igualdade em que a escola se coloca diante dos alunos, acreditando na igualdade de capacidade de todos os estudantes. Assim, afirmam que “o ponto de partida prático que considera que ‘todo mundo é capaz’ e, portanto, que não há motivos ou razões para privar alguém da experiência de habilidade, isto é, experiência de ‘ser capaz de’” (Rancière *apud* Masschelein; Simons 2022, p. 69). Ao acreditarmos que os alunos possuem essa “igualdade de capacidade” (Masschelein; Simons, 2022, p. 71), entendemos que a escola e o professor “colocam todos numa posição inicial e fornece a todos a oportunidade de começo” (Masschelein; Simons, 2022, p. 71). Isso não significa negar que, dentro da escola, possa haver distinções conforme as peculiaridades e os interesses de cada um; o ponto essencial é que, independentemente de julgamentos e diferenciações de cunho social, a escola pode oferecer o tempo para que todos os estudantes se desenvolvam de “maneira significativa” (Masschelein; Simons, 2022, p. 73).

Não podemos ignorar a entrega que o texto desses grandes autores nos faz ao nos remeter à escola que pratica o amor e o interesse pelo aluno, tratando-o de forma igual, respeitando-o com suas diferenças e singularidades. O modelo escolar focado na formação do estudante, considera a escola como local do estudo e prática. Se distancia das competências e

habilidades que insistem em penetrar no seu cerne, descaracterizando sua ação de preparação para que “os jovens [adquiram] sua forma” (Masschelein; Simons, 2022, p. 89). A escola pode, sim, promover a entrada na universidade e no mercado de trabalho, mas essa não é a sua ação principal; esses resultados devem ser consequência do processo de escolhas dos jovens após a sua formação integral no “tempo livre” (Masschelein; Simons, 2022, p. 09). Assim, a escola precisa privilegiar a matéria/conteúdo, proporcionando ao estudante a oportunidade de “focar em algo de perto e em detalhe, se empenhar em algo e trabalhar arduamente nisso. Em outras palavras, é sobre praticar e estudar algo” (Masschelein; Simons, 2022, p. 91).

Como afirmam os autores, a escola não pode ficar presa a resultados e metas utilitaristas. A entrada no mercado de trabalho e na universidade deve ou pode ser o resultado das escolhas que o jovem fará para a sua vida, sem que isso limite o acesso ao verdadeiro foco no estudo e na prática. Voltemos ao papel do “tempo livre” (Masschelein; Simons, 2022, p. 09), em que: “esse tempo não precisa ser produtivo; é o tempo que permite a alguém se desenvolver como um indivíduo e como cidadão, isento de quaisquer obrigações específicas relacionadas ao trabalho, familiares ou sociais”.

Nesse processo de dialogar sobre o que é a escola, Masschelein e Simons (2022, p. 99), autores contemporâneos, nos ensinam que:

a educação é a concessão de autoridade para o mundo, não só por falar *sobre* o mundo, mas também e sobretudo por dialogar (encontrar, comprometer-se) com ele. Em suma, a tarefa da educação é garantir que o mundo fale com os jovens.

Isso coloca sobre a escola a responsabilidade pedagógica de construir o tempo escolar para os jovens em formação, capacitando-os a transformar o mundo. Nesse sentido, Masschelein e Simons (2022, p. 99) dizem que:

[é] por abrir um mundo para as crianças e os jovens (e, como dissemos antes, isso não é o mesmo que simplesmente torná-las familiares com ele; é trazer o mundo para a vida e fazê-lo atraente para eles) que crianças ou jovens podem experimentar a si próprios como uma nova geração em relação ao mundo, e como uma geração capaz de construir um novo começo.

Ao continuar a explorar o papel da escola, os autores destacam, mais uma vez, a necessidade de a escola compartilhar com o aluno o mundo do conhecimento como um ato de responsabilidade pedagógica, no qual a escola irá se manifestar na autoridade que possui de oferecer aos estudantes o acesso às coisas do mundo sem limites ou subterfúgios.

Assim, não é uma questão de começar a partir do mundo imediato das crianças ou dos jovens, mas de trazê-los para a vastidão do mundo, apresentando-lhes as coisas do mundo (matemática, inglês, culinária, marcenaria) e, literalmente, persuadindo-os ao contato com essas coisas, colocando-os em sua companhia, para que essas coisas – e, com elas, o mundo – comecem a se tornar significativas para eles. É isso o que capacita o jovem a se experimentar como cidadão do mundo. (Masschelein; Simons, 2022, p. 99).

Nessa busca de explicar o que é a escola, Masschelein e Simons (2022, p. 105), também discutem as tentativas de sabotagem da escola, que eles chamam de “domar”. Há tentativas de domar a escola por medo de sua capacidade de oferecer novas oportunidade e de promover novos começos para as gerações mais novas, o que poderia, posteriormente, acarretar uma renovação que nem sempre é de interesse para quem quer manter o *status quo* e o poder. Dessa maneira, na escola moderna:

[...] a tentativa de domar sempre toma a forma de conectar a “matéria” com o conhecimento, significados e valores em uma ordem social existente ou nova. Como *instituição*, a escola deve incorporar esse ideal – ele a controla – e os recém-chegados são iniciadas no *uso adequado* de um determinado texto ou habilidade” (Masschelein; Simons, 2022, p. 106).

Os autores apontam várias formas de domar a escola, como a “pedagogização”, a “naturalização”, a “tecnologização” e a “popularização”. Vamos, neste momento, dar ênfase à “politização”, por acreditarmos ser um ponto muito importante a ser abordado. A “politização” (Masschelein; Simons, 2022, p. 109) refere-se à responsabilização da escola em resolver problemas sociais que caberiam ao Estado, e não ao entendimento da escola como um espaço de discussão e aprendizado sobre política, sociedade e economia, que, assim, tornam-se questões de aprendizagem (Masschelein; Simons, 2022). Consequentemente, eles esclarecem o que isso acarreta para os estudantes.

com efeito, a geração jovem é, simultaneamente, considerada responsável pelos problemas sociais existentes e pela realização do sonho político de outra sociedade melhor. Nesse sentido, a geração jovem assume a responsabilidade que a velha geração não é mais capaz ou não está disposta a carregar (Masschelein; Simons, 2022, p. 109).

Nesse momento, considerando que o objeto de estudo dessa pesquisa é a disciplina “Projeto de Vida”, não iremos nos aprofundar mais nos escritos de *Em Defesa da Escola* (Masschelein; Simons, 2022). No entanto, queremos registrar nossas considerações sobre o posicionamento dos autores em defesa uma instituição que está constantemente sendo atacada, mas que, para muitos, é o único espaço de oportunidade para conhecer o mundo.

[...] a escola não é (muito) o lugar onde se aprende o que não pode ser aprendido diretamente no próprio mundo da vida, mas sim o lugar onde a sociedade se renova, libertando e oferecendo seu conhecimento e experiência como um bem comum, a fim de tornar possível a formação. Isso não diz respeito à demanda de otimização de ganhos de aprendizagem ou de provimento de tempo produtivo. Trata-se da demanda para permitir a formação e o fornecimento de tempo livre para o estudo, a prática e o pensamento (Masschelein; Simons, 2022, p. 161).

A compreensão da escola como espaço de formação, defendida por Masschelein e Simons (2022), aproxima-se da concepção de Hannah Arendt (2007) acerca da educação como responsabilidade das gerações adultas para com aqueles que chegam ao mundo. Para a autora, cada criança representa um novo início, uma vez que a natalidade constitui a capacidade humana de inaugurar novas formas de pensar, agir e transformar a realidade. Nessa perspectiva, a escola não se limita à transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade; ela cria condições para que os estudantes se apropriem desse patrimônio cultural e, a partir dele, produzam novos significados e novas possibilidades de existência. Assim, ao apresentar o mundo às novas gerações, a escola preserva o legado humano e, simultaneamente, abre espaço para sua renovação, reafirmando seu papel como instituição comprometida com a formação de sujeitos capazes de compreender criticamente a realidade e de construir novos começos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminamos este artigo retomando a reflexão de Masschelein e Simons (2022) sobre o papel da escola. Eles nos provocam a pensar sobre esse papel sem nos oferecer uma resposta única, porque, na verdade, não existe uma única resposta, mas diversas, que variam de acordo com a posição e a crença de cada pessoa.

A nossa ambição, contudo, não é esboçar a escola ideal, mas uma tentativa de tornar explícito o que faz com que uma escola seja uma escola, e, conseqüentemente, diferente de outros ambientes de aprendizagem (ou de socialização, ou iniciações). E mais uma vez, o objetivo não é o de salvaguardar uma velha instituição, mas de articular um marco para a escola do futuro (Masschelein; Simons, 2022, p. 29).

Devemos ter em mente que a opção mais viável, no contexto atual, é reconhecer que a escola é necessária e que o que “torna a escola uma escola e anima a sua existência é o amor pelo mundo e pela nova geração” (Masschelein; Simons, 2022, p. 157).

Como afirma Dussel (2023), não podemos ignorar a precariedade da escola. Por não ser mais a única fonte de conhecimento, muitos questionam sua existência, o que faz com que ela apresente vulnerabilidades e desafios na sociedade atual. A escola está sob pressões que abalam

suas estruturas e colocam em risco o seu papel. Esse papel inclui a promoção de espaços de iguais, que, segundo Dussel (2023, p. 19):

[...] deveria convidar todos a se aproximar de novo, como nova experiência, desses objetos que habilitam a cada um apropriar-se dele, encontrar um lugar nele, acessar suas linguagens como modos de representação das experiências humanas.

É um cenário desafiador para todos os envolvidos no processo educativo, principalmente para professores e estudantes que, no dia a dia, enfrentam esses apontamentos, mudanças e transições que abalam a escola. Podemos sustentar que a escola não pode ser a redentora da sociedade, mas impacta significativamente as estruturas sociais. Dussel (2023) defende que a escola não é uma fórmula mágica para os problemas estruturais da sociedade como desigualdades econômicas, discriminação e exclusão social, visto que muitos desses problemas são gerados fora do espaço escolar e têm raízes profundas nas políticas econômicas e sociais. Contudo, a escola tem uma influência importante, dado que oferece oportunidades para que esses valores sejam questionados ou reafirmados, atuando como um espaço de socialização e de incentivo aos estudantes. Ela também busca “liberar as crianças e os estudantes de sua situação local, histórica e cultural, e colocá-los em contato com um ponto de vista geral e racional” (Biesta, 2021, p. 84).

Não podemos negar a escola tem a “responsabilidade educacional por seres únicos e singulares” (Biesta, 2021, p. 192). Dessa forma, recai sobre os educadores a responsabilidade de se conectar com os estudantes, não podendo ficar à margem dos acontecimentos sociais que envolvem o cotidiano escolar. A escola carrega o comprometimento da formação da humanidade, uma tarefa sem fim. Por isso, “qualquer tentativa de transformar a educação numa técnica, qualquer tentativa de concebê-la em termos de instrumentalidade, representa uma ameaça à própria possibilidade de tornar-se da educação” (Biesta, 2021, p. 127).

As relações estabelecidas atualmente na escola, em um contexto de transformações sociais que alteram comportamentos e formas de reagir ao mundo, extrapolam a função de ensino-aprendizagem. Considerando isso, podemos afirmar que o espaço escolar deve contribuir para compreensão da diversidade de pensamento e para a construção de possibilidades que conectem os estudantes à realidade de forma crítica e consciente. Conforme Bauman (2001), estamos em movimento e não temos como conter a mobilidade. Permanecer na imobilidade não é uma opção, uma vez que o movimento acontece independentemente da nossa vontade.

Nesse contexto de pluralidade social, não é de causar estranhamento o fato de a escola ser questionada em suas ações e vivências. Ela reflete aquilo que a sociedade está passando; as transformações que estão acontecendo afetam a todos, direta e indiretamente. Como a escola é constituída de seres humanos, não é impressionante que ela seja alvo e receba os reflexos das mudanças que ocorrem na sociedade.

Segundo Biesta (2021, p. 102):

[...] não devemos pensar na dificuldade da escola como um desvio, como um perigo, uma ameaça ou um distúrbio que ‘vem de fora’. Vou sugerir que devemos conceber que essa dificuldade antes como algo que é apropriado, que pertence à educação possível em primeiro lugar. Quero argumentar, em outras palavras, que nossa compreensão de educação deve começar dessa própria dificuldade da educação.

Assim, ao mesmo tempo que a escola deve se preservar como um espaço de produção do conhecimento e manter seu objetivo maior, a formação integral do estudante, sem se perder nessa enxurrada de teorias, opiniões, críticas e manifestações, ela precisa estar preparada para ouvir e aceitar que alguns ajustes são necessários, independentemente da vontade individual de cada um. A escola é um espaço coletivo que precisa atender ao máximo às demandas dos estudantes que lá estão, e essas pessoas possuem anseios, conflitos, desejos e sonhos.

A escola atual precisa exercitar a sua capacidade de se manter como “escola”, numa condição de originalidade, assim acolher as demandas dos estudantes. Caso contrário, corre o risco de se tornar enfadonha e obsoleta. No processo de adaptação para o jovem atual, ela tem a função ser capaz de encorajar uma formação consciente, na qual o estudante poderá realizar avaliações, análises e problematizações da realidade em que vive. Afinal, a escola precisa ser inclusiva e acessível a todos.

Neste momento, estamos realizando o exercício de problematizar, pensar e analisar o que é a escola e seu papel, refletindo, principalmente, sobre a escola na qual estivemos, aquela que pesquisamos e fomos *in loco* ouvir e observar os estudantes. Trata-se da escola que representa todas as outras do estado do Espírito Santo e do Brasil, com sua pluralidade, problemas e conflitos. Estamos tratando da escola viva, que, todos os dias, enfrenta situações que, algumas vezes, não estão previstas nos livros e nem nas pesquisas.

Cada dia é um desafio para começar e recomeçar o processo educativo em meio a tantos julgamentos, disputas e influências. Ainda assim, a escola sobrevive e cumpre parte da sua missão na formação do sujeito. Mesmo sofrendo sabotagem de várias formas como a falta de recursos que atendam a todas as necessidades, professores insatisfeitos com as condições de trabalho e salariais, entre outras questões, ela insiste em continuar sua missão educativa de

representante de novos inícios. Afinal, o papel da escola não pode se limitar a resolver a realidade imediata do estudante, numa visão simplista de mundo, mas deve instrumentalizá-lo com conhecimento e produção cultural do mundo, além de oferecer condições para que ele compreenda os fatores que impactam sua forma de vida (Libânio, 2012).

Não podemos assistir à precariedade da escola (Dussel, 2023) sem nos inquietarmos e buscarmos soluções para o que está sendo oferecido perigosamente aos estudantes: uma “escola sem conteúdo e com um arremedo de acolhimento social e socialização” (Libânio, 2012, p. 24).

Nossa compreensão avança no sentido de que ainda existem milhares de crianças, adolescentes e jovens que dependem da escola como única forma de acessar a diversidade cultural do mundo e conhecer as possibilidades que ele oferece. Ao refletirmos sobre o papel da escola na contemporaneidade, torna-se inevitável recorrer ao pensamento de Hannah Arendt (2007), para quem a educação está diretamente relacionada à capacidade humana de iniciar algo novo. Cada criança ou jovem que ingressam na escola representam um novo começo para o mundo, trazendo consigo possibilidades inéditas de pensamento, ação e transformação. Nesse sentido, a escola está para além de apenas para transmitir conhecimentos acumulados pelas gerações anteriores, mas para apresentar esse mundo aos recém-chegados, permitindo que eles o compreendam, o questionem e, posteriormente, possam renová-lo por meio de suas próprias experiências e ações.

Essa compreensão dialoga profundamente com a defesa de Masschelein e Simons (2022) sobre a escola como espaço de *skholé*, um tempo de suspensão das pressões produtivistas, econômicas e sociais, em que os estudantes podem dedicar-se ao estudo, à atenção e à formação. Ao reconhecer que todos possuem igual capacidade para aprender e participar do mundo comum, a escola preserva sua função de criar condições para que os jovens experimentem novos começos. Educar, portanto, significa muito mais do que preparar para o mercado de trabalho; significa assumir a responsabilidade de oferecer às novas gerações o patrimônio cultural da humanidade e confiar em sua capacidade de recriá-lo.

Defender a escola, portanto, é também defender a possibilidade do novo. Em uma sociedade marcada pela velocidade, pela lógica da produtividade e pela instrumentalização da educação, reafirmar a escola como espaço de formação humana constitui um compromisso ético e político com o futuro. Como nos lembra Arendt (2007), educar é um ato de responsabilidade para com o mundo e para com aqueles que nele chegam. Talvez resida justamente aí o maior desafio da escola contemporânea: manter viva sua capacidade de acolher os estudantes como sujeitos singulares, capazes de inaugurar outros modos de pensar, viver e transformar a realidade, fazendo da educação um permanente exercício de novos inícios.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Por Uma Educação Sensível**. Jandira, SP: Principis, 2023.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DUSSEL, Inés. Sobre a Precariedade da Escola. In: Larrosa, Jorge (org.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 87-111.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GERTS, Biesta. **Para Além da Aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Tradução: Rosaura Eichenberg. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/YkhJTPw545x8jwpGFsXT3Ct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. tradução Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.